

# MOZ SLAME AS NOVAS DINÂMICAS DA POESIA FALADA EM MOÇAMBIQUE NO SÉCULO XXI

MOZ SLAM AND THE NEW DYNAMICS OF SPOKEN  
POETRY IN MOZAMBIQUE IN 21<sup>ST</sup> CENTURY

Miriane Peregrino<sup>1</sup>

---

1. Doutora em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente faz parte do Programa de Apoio ao Jovem Pesquisador da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ, Brasil).



Via Atlântica, São Paulo, v. 25 n. 2, pp. 177-199, abr. 2025

<https://doi.org/10.11606/va.v25.n2.2025.215816>

## RESUMO

Dos Estados Unidos para o mundo, as competições de *poetry slam* estabelecem regras para apresentações de poesia falada e dinamizam um circuito internacional que proporciona encontros entre poetas de distintas realidades. O presente artigo toma a competição moçambicana *Moz Slam* para apresentar e discutir as dinâmicas de produção, circulação e recepção deste formato da poesia falada que vem ganhando adesão, sobretudo, entre jovens artistas. O artigo destaca a presença de mulheres no *Moz Slam* e no *Slam da Guilhermina* durante os *slams online* em tempos de Pandemia e baseia-se em entrevistas realizadas em Maputo com poetas e produtores culturais envolvidos na cena *slam* moçambicana e no monitoramento das redes sociais destes eventos desde 2018.

### Palavras-chave

*Moz Slam*; Moçambique; Gênero; *Poetry Slam*; *Slam da Guilhermina*.

## ABSTRACT

From the United States to the world, *poetry slam* competitions establish rules for oral poetry presentations and streamline an international circuit that provides meetings between poets from different realities. This article takes the Mozambican competition *Moz Slam* to present and discusses the dynamics of production, circulation and reception of this format of spoken poetry that has been gaining acceptance, especially among young artists. The article highlights the presence of women in *Moz Slam* and *Slam da Guilhermina* during online slams in times of pandemic and is based on interviews carried out in Maputo with poets and cultural producers involved in the Mozambican slam scene and on monitoring the social media of these events since 2018.

### Keywords

*Moz Slam*; Mozambique; Gender; Poetry Slam; *Slam da Guilhermina*.

## 1. MAS O QUE É SLAM?

*Poetry slam* é conceito criado pelo poeta estadunidense Marc Kelly Smith (1949-) e slam faz referência ao som de uma batida de porta ou basebol e é um termo usado para nomear grandes eventos esportivos como, por exemplo, o *Grand Slam Tennis*. Assim, Smith inicia o *Slam* de Poesia. Associado à poesia, o uso da palavra *slam* aproxima a literatura da prática esportiva tanto por fomentar a disputa entre poetas quanto pela estruturação de campeonatos. É sobretudo no espaço das cidades que as competições de *poetry slam* vão se desenvolver a partir da década de 1980 como um elemento de cultura urbana próximo do *Hip Hop* e do *spoken word*.

Essas competições de poesia falada tiveram origem em Chicago (EUA), na década de 1980, chegaram à Europa por volta de 1990 e foram incorporadas às culturas urbanas de grandes cidades como Paris (França), Londres (Inglaterra), Colônia (Alemanha), entre outras. Inicialmente, as competições eram locais, mas logo se formou um circuito internacional em torno delas e isso resultou na criação de campeonatos estaduais, nacionais, continentais e no mundial de *poetry slam*.

Marc Smith estabeleceu as principais regras da competição de *slam* que são seguidas até hoje em vários países da América, Europa, África, Oceania e Ásia. Além das regras, temos, pelo menos, cinco elementos que compõem um *slam* de poesia e que estabelecem as diferenças com os chamados saraus de poesia: *Slammaster* (quem apresenta o evento), *slammer* (poeta), matemático (quem acompanha e soma as notas do júri), júri (geralmente cinco pessoas escolhidas da plateia) e público.

Mesmo que, em alguns lugares, essas regras tenham uma ou outra alteração, elas mantêm a base comum, o que permite a uniformidade dos campeonatos ao redor do mundo: três minutos para apresentar um poema de tema livre e de autoria própria, performance sem adereços ou figurino, sem acompanhamento musical que será avaliado por um júri, em geral, escolhido aleatoriamente da plateia do evento. É da somatória das notas do júri que se determina o campeão ou a campeã da competição. Os campeonatos de *slam* têm, assim, algumas aproximações com os campeonatos de futebol enquanto prática competitiva cultural e popular. Há uma uniformização das competições, uma inegável homogeneização do formato de apresentação da poesia falada nos *slams*. Smith não imaginou que o *poetry slam* teria como aliada um elemento extremamente eficaz na propagação de uma cultura produzida a partir dos EUA: a globalização cultural.

As referências bibliográficas sobre as competições de *poetry slam* contam com razoável bibliografia no norte global, em inglês e francês, e com poucas traduções para o português. Já ao que diz respeito às competições de *slam* no espaço dos países de língua

portuguesa, essas referências são praticamente inexistentes, o que confere a este trabalho de pesquisa muitos desafios, mas também originalidade.

O presente artigo tem como base a pesquisa iniciada em 2018, nas cidades de Luanda e Maputo, durante o período de doutorado sanduíche e intercâmbio nos centros culturais brasileiros em Angola e Moçambique, e o monitoramento e entrevistas realizadas, desde então, de modo remoto. Em 2018, foram entrevistados os organizadores da primeira edição do *Moz Slam*, Hamilton Chambela e Énia Lipanga, além dos poetas que participaram da competição final realizada naquele mesmo ano. Deixamos registrado aqui que, em 2019, a artista Matilde Chabana passou a organizar o Moz Slam com Chambela e ser a *slammaster* (mestre de cerimônia) do evento. O moçambicano Féling Capela, organizador do Noites de Poesia e do Festival de Artes Performativas, também foi entrevistado. De lá para cá, o monitoramento das redes sociais dos envolvidos vem atualizando tal mapeamento, além da pesquisa ter sido ampliada para outros países de língua oficial portuguesa através do projeto de pesquisa “A expansão dos campeonatos de *poetry slam* em países de língua portuguesa” em andamento no âmbito do Edital\_40/2021 de Apoio ao Jovem Pesquisador Fluminense da FAPERJ na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

## 2. AS COMPETIÇÕES DE *POETRY SLAM* E O ESPAÇO LUSÓFONO

Apesar de todos os elementos caracterizarem o *poetry slam* como fenômeno da cultura global, é preciso destacar que as produções locais recriam a fórmula norte-americana e destacam narrativas insurgentes com críticas sociais produzidas por artistas oriundos de grupos sociais silenciados e subalternizados ao longo da história, sobretudo, mulheres, negros, imigrantes e pessoas LGBTQIA+.

A tensão entre cultura local versus cultura global é constante e os campeonatos de *poetry slam* evidenciam o choque entre as oralidades dos jovens urbanos e as oralidades tradicionais dos mais velhos, em especial nos países africanos. Desde 2018, a *Coupe d’Afrique de Slam Poésie* (CASP) reúne poetas-embaixadores de mais de 36 países africanos para organização do campeonato continental. A *Coupe d’Afrique de Slam Poésie* foi fundada por dois poetas africanos de língua francesa: Faithfull nome artístico de Baana Ennon Arnaud (Camarões) e Croquemort, nome artístico de Didier Lalaye (Chade). As competições são realizadas de dois em dois anos e a maioria dos poemas são declamados nas línguas de seus antigos colonizadores – inglês, francês e português – ainda que apresentem expressões e mesmo versos inteiros em línguas africanas.

Pelo menos desde 2010, países como Alemanha, Holanda, Inglaterra e França têm incentivado a criação de um circuito de poesia falada na África nos moldes do *slam* de poesia. Um bom exemplo é o *The Spoken Word Project* criado pelo Goethe Institut Subsahara Afrika e realizado em oito países africanos em 2013, entre eles, Angola. Foi a partir desse evento que a poeta angolana Elisangela Rita se projetou para o *Shoko! Festival de Poetry Slam* do Zimbabwe e para o *Rio Poetry Slam* no Brasil, eventos que a inspiraram a criar os campeonatos *Luanda Slam* (2015) e *Muhatu, batalha de spoken word feminino* (2017) em Angola. A relação de Elisangela Rita com a poesia falada nos moldes estadunidenses (*spoken word*) começou anos antes, durante seus estudos de graduação e mestrado na África do Sul e nos Estados Unidos, mas no que tange as tradições da literatura angolana começou mais cedo no cotidiano de seu país. *The Spoken Word Project* promoveu ainda a participação de poetas alemães nas competições em África e de poetas africanos no Festival de Poesia de Berlim em 2014. (PEREGRINO, 2022).

Já em Moçambique, o modelo de campeonato de *poetry slam* chegou a ser incentivado pelo British Council, com destaque para a participação do poeta Féling Capela; no entanto, foi o produtor cultural Hamilton Chambela que criou, em 2018, o *Moz Slam*, primeiro campeonato moçambicano de *poetry slam*, quase dez anos depois. Atento à cultura jovem e urbana dentro e fora das redes sociais, Chambela chegou às competições de *slam* a partir do *Portugal Slam* e se inspirou na criação de uma competição de *poetry slam* em Moçambique. O *Portugal Slam*, por sua vez, é a plataforma organizadora do campeonato de *poetry slam* nacional de Portugal e, até ao momento, é formada pelos coletivos de *slam* de algumas cidades, tais como Aveiro, Braga, Coimbra, Leiria, Lisboa e Porto. No entanto, a presença de poetas imigrantes em Portugal apresenta um caráter internacional e sobretudo lusófono. Embora o evento português precursor do *slam* tenha sido o Festival do Silêncio com o Alex Cortes, foi por volta de 2010, que a portuguesa Ana Reis e o imigrante italiano Mick Mengucci criaram o *Slam Lisboa*, influenciados por eventos de *poetry slam* em que haviam participado na Espanha e Inglaterra. (PINHEIRO; MARQUES; PEREGRINO, 2023).

No caso do Brasil, foram agentes locais que importaram esse formato de competição de poesia oral. O modelo do *poetry slam* foi replicado em São Paulo pela primeira vez por Roberta Estrela D'Alva e o Núcleo Bartolomeu de Depoimentos com a criação do *ZAP! Slam*, em 2008. Desde então, D'Alva tem realizado um intenso trabalho de interiorização dos campeonatos no país e também na América Latina através da curadoria de eventos internacionais, tais como o *Rio Poetry Slam/FLUP* (2014), do *Slam da Língua Portuguesa/FLIP* (2019) e da *Abya Yala Poetry Slam-Copa das Américas* (2020).

Embora os EUA sejam o berço desse campeonato de poesia falada, foi na Europa, no início dos anos 2000, que as competições internacionais surgiram, tais como a *Coupe du Monde de Slam Poésie* realizada anualmente em Paris, sob curadoria do poeta francês Patrick Binard (o Pilot le Hot) e da *Fédération Française de Slam de Poésie*, e o *European Poetry Slam Championship*, realizado em diferentes cidades europeias anualmente, mas sob organização da rede *European Poetry Slam Network*, que atualmente é coordenada pelo poeta belga Philip Meersman.

Os campeonatos continentais da África e da América do Sul são mais recentes e, embora tomem como molde os campeonatos dos EUA e Europa, se diferenciam na proposta de seus temas e intérpretes numa constante tensão entre a cultura global e as culturais locais: *Coupe d’Afrique de Slam Poésie* (CASP), desde 2018, e *Abya Yala Poetry Slam – Copa América de Slam*, desde 2020.

É importante destacar que esse formato de campeonato de poesia falada é recente em países de língua portuguesa e tem contextos de formação bastante complexos e singulares, a começar pela cronologia: Brasil, 2008; Portugal, 2010; Angola, 2015; Moçambique, 2018; Guiné-Bissau, 2018; Cabo Verde, 2020. Até o momento não encontramos registros deste campeonato em São Tomé e Príncipe. Tal cronologia é baseada em levantamentos do projeto de pesquisa já citado “A expansão dos campeonatos de *poetry slam* em países de língua portuguesa” (FAPERJ/UFRJ).

### 3. MOZ SLAM E A COUPE D’AFRIQUE DE SLAM POÉSIE

Em 2013, em entrevista a DW, Féling Capela afirmou que, embora não fosse chamada de *poetry slam*, já existiam eventos de poesia falada em Moçambique e declarou que “as pessoas já o faziam de maneira espontânea”, mas essa prática estava sendo alterada com a “introdução dos conceitos e técnicas estrangeiras”. Quando Capela declara, na mesma entrevista, que “os americanos, os europeus que trabalham estes conceitos de maneira técnica, criam conceitos e mandam os conceitos para aqui e nós passamos a fazer isto com regras”, é possível inferir que existe, senão uma imposição, uma proposição estrangeira para importação desse produto cultural no caso de África (CAPELA, 2013). No entanto, embora a proposição estrangeira exista, de acordo com os dados coletados até aqui, as competições só se estabelecem quando agentes locais as implementaram, tornando-as eventos regulares na agenda da cidade, como foi o caso do *Moz Slam* (Moçambique) e do *Luanda Slam* (Angola).

Outro aspecto fundamental é que o formato de campeonato que vem no pacote dos *slams* de poesia, estabelece um circuito internacional de intercâmbio cultural do qual

muitos artistas e produtores não querem ficar de fora. Exemplo disto é o conjunto de embaixadores que figuram na organização da *Coupe d’Afrique de Slam Poésie* (CASP). Na primeira edição da CASP, em novembro de 2018, o embaixador por Moçambique era Féling Capela, poeta e produtor cultural, organizador do evento de *spoken word*, Noites de Poesia, e curador do Festival Internacional de Artes Performativas de Moçambique. Apenas cinco anos depois, Hamilton Chambela, fundador do *Moz Slam*, foi nomeado embaixador por Moçambique.

A *Coupe d’Afrique de Slam Poésie* foi fundada em 2016, nos Camarões, mas sua primeira edição só aconteceu em 2018. De caráter bianual, a CASP está na sua terceira edição. A edição de 2018 foi totalmente presencial em Chade. Naquele ano, o único país africano de língua oficial portuguesa a enviar um representante para a CASP foi Angola, embora já tivessem o nome de Lúcia Tite como vencedora da primeira edição do *Moz Slam*, realizada em Maputo, em outubro de 2018 – um mês antes da CASP. Já a edição de 2020, a copa africana foi adiada devido a pandemia do coronavírus, mas acabou sendo realizada no formato híbrido em dois momentos: primeiro, em 2021, as eliminatórias da CASP foram realizadas de modo remoto e contaram com a participação de quatro dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP): Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau e Moçambique; e segundo, em 2022, a final da CASP foi realizada na Etiópia em formato presencial. Em 2023, este modelo de formato híbrido continuou. Apesar do número expressivo de países africanos de língua oficial portuguesa na segunda e terceira edições da CASP, nenhum desses países se classificou para as finais presenciais na Etiópia (2022) e Mali (2023). Pelos dados a seguir, constatamos uma predominância das línguas francesa e inglesa entre os países finalistas das últimas três copas de África. Na primeira edição, em Chade, realizada toda em formato presencial, foram para a final África do Sul e Senegal, sendo esta última campeã. A edição híbrida com final presencial na Etiópia contou com oito países finalistas: Argélia, Botsuana, Camarões, Chade, Guiné (Conacri), Madagascar, Ilhas Maurício e Togo, sendo campeã a Guiné (Conacri). Já na edição de 2023, no Mali, o vencedor foi o poeta senegalês William Clarence Mendy depois de uma final com representantes de outros nove países africanos: Mali, Togo, Costa do Marfim, Nigéria, Camarões, Guiné (Conacri), Marrocos, Niger e Benin. (CASP: <https://www.casp-acsp.org/about.html>).

A expansão dos campeonatos de *poetry slam* entre os falantes de língua portuguesa se concretiza como parte de um circuito internacional mais amplo, em contato com artistas e campeonatos em inglês e francês ainda que muitas vezes não dominem esses idiomas. A fronteira do idioma se revelará, em especial, nas notas dos jurados em campeonatos cujas línguas dominantes são o inglês e o francês seja na Europa ou mesmo

na África, em detrimento, até mesmo das línguas autóctones. Então, se o português é uma língua periférica no contexto da CASP, o que dizer das línguas nacionais africanas? Bacar Banora e Dauda Corobum, poetas representantes da Guiné-Bissau, respectivamente nas CASPs de 2021 e 2023, apresentaram seus poemas em kriol guineense, não em português. Assim, é importante lembrar que esses *slammers* oriundos e residentes nos espaços lusófonos não estão limitados ao contato entre si mesmos e nem sempre usam o português em suas performances.

Como já foi referido, o *Moz Slam* foi criado pelo moçambicano Hamilton Chambela em 2018 e teve como ponto de apoio, através de conversas virtuais via redes sociais, o *Portugal Slam* e o *Slam da Guilhermina*. Chambela, atento às novas tendências artísticas em tudo que gira em torno da cultura *hip hop*, teve a iniciativa de procurar a plataforma portuguesa e manifestar seu interesse em criar um campeonato de *slam* em seu país. Assim, foram os agentes do campeonato nacional português que apresentaram a Chambela (e a pedido do próprio) às regras e dinâmicas da *poetry slam*. Em seguida, Chambela também estabeleceu uma boa troca de informações com o *Slam da Guilhermina*, do Brasil.

Chambela optou por criar o *Moz Slam* como campeonato nacional, um caminho diferente, por exemplo, do próprio circuito português que começou com o *Slam Lisboa* em meados de 2010 e, só depois de ter um considerável número de coletivos de *slam* em outras cidades portuguesas, criou, em conjunto, o campeonato nacional que foi denominado *Portugal Slam*. Já em Angola, a angolana Elisangela Rita partiu da capital de seu país para criar o primeiro evento, o *Luanda Slam*, e só seis anos depois quando a província passou a contar com mais de três *slams* ativos é que se criou o *Ngola Slam* como campeonato nacional. Entretanto, no caso angolano, parece existir um ruído na dinâmica dos coletivos de slams visto que o *Ngola Slam* só teve uma edição até o momento e que aconteceu, em 2021, com a vitória de Domingos Dembo. Mesmo na *Coupe d’Afrique de Slam Poésie*, os angolanos representantes foram Bel Neto (2018), DJ Huba (2021) e Domingos Dembo (2023), apurados pelo *Luanda Slam*, evento pioneiro não só de Angola, mas entre os países africanos de língua oficial portuguesa.

Para o evento internacional mais antigo que temos conhecimento, a *Coupe du Monde de Slam Poésie*, que acontece anualmente na França e realizou sua 20ª edição em 2023, Angola nunca apurou nenhum representante enquanto Moçambique, desde sua primeira edição, envia todo ano um poeta representante de seu país. O que, entretanto, não quer dizer que nenhum angolano tenha participado na *Coupe du Monde de Slam Poésie*, pois a dinâmica de representação via campeonatos apresenta brechas. Os angolanos Lucerna de Moco e DJ Huba já participaram da *Coupe du Monde de Slam Poésie*,

representando o *Portugal Slam* e a angolana Joice Zau foi apurada por sua vitória no *Slam BR* – campeonato brasileiro de poesia falada. Assim, tais casos apontam como o circuito dos campeonatos de *poetry slam* é bastante dinâmico e complexo, o que deverei discutir oportunamente em artigo específico.

Voltando ao *Moz Slam*, é preciso destacar que, devido as restrições impostas pela pandemia de coronavírus, a competição não foi realizada em 2020. O quadro de vencedores do campeonato, atualmente, é: 2018 – Lúcia Tite; 2019 – Ivandro Sigaval; 2021 – Gonçalves Gonçalo; 2022 – João Borges Namelo; e 2023 – Neide Sigauque. No âmbito das competições internacionais, Moçambique enviou pelo menos cinco representantes, incluindo João Nguenha que foi o segundo colocado na edição de 2018, para os seguintes campeonatos:

**Quadro 1. Vencedores no Moz Slam e Representações Internacionais (2018-2023)**

<b>Moz Slam</b>	<b>Representação internacional</b>
Lúcia Tite 1º lugar 2018	<i>Coupe du Monde de Slam Poésia</i> , França, 2019 <i>Rio Poetry Slam</i> , Brasil, 2019
Lorna Zita 3º lugar 2018	<i>Projecto DiGiPOEMS</i> , Harare, Zimbabwe, fev. 2020 <i>Festival BBC Contains Strong Language (online)</i> , Reino Unido, 2021
Ivandro Sigaval 1º lugar 2019	<i>Coupe d’Afrique de Slam Poésie (online)</i> , 2021 <i>Slam Tundavala Internacional</i> , Angola, 2022
João Nguenha 2º lugar 2018 e 2019	<i>Poetry Slam Africa: Grand Slam Festival</i> , Nairobi, Quênia, jan. 2020 <i>Coupe du Monde de Slam Poésie (online)</i> , França, 2021
Gonçalves Gonçalo 1º lugar 2021	<i>Coupe du Monde de Slam Poésie</i> , França, 2022 <i>World Poetry Slam Organisation</i> , 1ª edição Bélgica, 2022
João Borges Namelo 1º lugar 2022	<i>Coupe du Monde de Slam Poésie</i> , França, 2023 <i>World Poetry Slam Organisation</i> , 2ª edição Brasil, 2023
Luís Ventura Francisco Tembe 2º lugar 2022	<i>Coupe d’Afrique de Slam Poésie (online)</i> , 2023
Neide Sigauque 1º lugar 2023	- previstas <i>Coupe du Monde de Slam Poésia</i> , França, 2024
	<i>World Poetry Slam Organisation</i> , 3ª edição Togo, 2024

Em 2020, Moçambique foi representada por Hamilton Chambela e Énia Lipanga, no festival do *Portugal Slam*, realizado em formato online e que contou com *slammas-ters* e produtores culturais de *slams* de diversos países.

#### 4. O PROTAGONISMO FEMININO DA PRIMEIRA EDIÇÃO DO MOZ SLAM

O *Moz Slam* organiza competições eliminatórias que acontecem ao longo do ano e apuram os melhores poetas para a edição final que ocorre entre outubro e novembro de cada ano. Em 2018, algumas eliminatórias aconteceram no Centro Cultural Brasil-Moçambique (CCBM), da Embaixada do Brasil, e que foi renomeado Instituto Guimarães Rosa (IGR), mas a grande final foi realizada em parceria com o Centro Cultural Franco-Moçambicano (CCFM) e contou com a presença de Patrick Binard (Pilot Le Hot), organizador da *Coupe du Monde de Slam Poésie* na França. A articulação de Hamilton Chambela com o curador francês já previa que o vencedor ou vencedora daquela competição final representaria Moçambique, em Paris, no ano seguinte.

Minha pesquisa presencial em Maputo ocorreu poucos dias depois da final e entrevistei Hamilton Chambela e Énia Lipanga, que me indicaram que também entrevistasse Féling Capela. Dos 12 poetas participantes da edição 2018, entrevistei 9 e foram eles: Lúcia Tite, João Nguenhe, Lorna Telma Zita, Ema de Jesus, Daniela Mussagy, António Magaia, Gonçalves Gonçalo, César Victorino e Eurosinanda Mussui. Com exceção de Daniela Mussagy e de Féling Capela, que indicaram o local onde poderiam conceder a entrevista, todos os demais foram entrevistados em uma sala cedida pela direção do CCBM/IGR-Moçambique – ao que agradeço ao diretor, Jorge Dias, e ao então chefe do setor cultural da Embaixada do Brasil em Maputo, Matheus de Carvalho.

Minha estadia no CCBM/IGR-Moçambique contou ainda com a realização de rodas de leitura sobre os diários da escritora afro-brasileira Carolina Maria de Jesus (1914-1977). Chambela foi grande divulgador da atividade e alguns *slammers* participaram, estreitando nossos contactos e trocas. António Magaia, César Vitorino, Daniela Mussagy e o próprio Hamilton Chambela escreveram depoimentos sobre seu primeiro contato com a escritora brasileira e como a realidade narrada por ela lembrava-os a vida nos bairros de lata de Maputo. (*Jornal Literatura Comunica*, n. 2, Ano 1, julho a dezembro de 2019).

Na primeira edição do *Moz Slam*, realizada em outubro de 2018, a participação de jovens poetas moçambicanas foi um marco. A classificação final teve a jovem Lúcia João Tite em primeiro lugar, João Nguenha em segundo e Lorna Telma Zita em terceiro. Os cartazes de divulgação dos finalistas traziam o nome do poeta, bairro de origem e eliminatória que participou para chegar aquela final.

Das entrevistas realizadas nesta ocasião, destaco os seguintes pontos: 1) os finalistas afirmaram que nunca tinham ouvido falar em *poetry slam* e não conheciam sua origem; 2) alguns dos finalistas tinham o Noites de Poesia (Féling Capela) e o Palavras são Palavras (Énia Lipanga) como referências de eventos poéticos na cidade e 3) quando questionados sobre quando e como começaram a declamar poesia, a primeira experiência da maioria ocorreu na escola básica, pois a prática de concursos de poesias era recorrente nas atividades escolares de Moçambique.

Lúcia Tite, a vencedora da edição, tinha 18 anos na ocasião e não frequentava os eventos poéticos que aconteciam a noite. Ela contou-me que só se inscreveu para a eliminatória do *Moz Slam* numa de suas últimas chamadas e por incentivo de um amigo que a tinha visto declamar na escola e disse que ela tinha chance de ganhar a competição de *slam* se participasse. Tite também me contou o impacto de seu poema entre alunos e funcionários de sua escola e que sua performance tinha sido muito elogiada. Pedi então para ela recitar um trecho do poema e neste momento compreendi seu apelido: “Lúcia Tite, a poetisa revoltada”.

Tu!  
Entraste no meu quarto  
Rasgaste o meu vestido  
Tiraste-me a dignidade de ser mulher  
Maldito sejas tu (...)  
Eu! Brilhava feito lâmpada na sua casa  
Mas vieste tu tirar-me o brilho de ser criança  
Já não poderei mais ver o mundo cor-de-rosa  
E muito menos brincar ao jogo da cozinha  
Porque tu,  
Te achaste homenzarrão  
transformando-me num objeto sexual.  
(TITE, 2021, p. 54-56).

O fragmento citado acima é do poema “Abuso sexual às menores” de Lúcia Tite. É um poema para ser lido em voz alta. A voz, os gestos, ou seja, o corpo da poeta dá a força e a forma do poema que é apresentado em um *slam*. O público e o júri que ouvem e vêem o poema performado também fazem parte da cena *slam*. Somando-se a esses elementos, o espaço no qual a performance acontece, imprime também uma dimensão ao poema. Em todos esses detalhes, reside a aura do *slam* de poesia e sua irreproduzibilidade, pois mesmo que possa ser filmado, a gravação de uma performance não capta todos os elementos. Por isso, a gravação e também a publicação impressa desse poema são produtos insuficientes para se ter a dimensão de seu conteúdo, uma vez que se estende ao corpo do poeta, ao corpo do espaço, aos presentes na cena, embora sejam

registros preciosos para a história da literatura. O mesmo se dá com a pesquisa do *slam* de poesia: é preciso presenciar a cena, frequentá-la pelo menos um certo número de vezes, para apontar com maior precisão suas dinâmicas e este é um dos principais desafios para nós, estudiosos da literatura publicada. Como nos lembra Roberta Estrela D’Alva, cada apresentação de um poema é única. (D’ALVA, 2011).

O poema performático é muitas vezes um grito de revolta, de denúncia que surpreende e prende a atenção do público. Enquanto gravava a entrevista, vi a jovem Tite, de 18 anos, crescer diante de mim, sentada na cadeira, enquanto recitava. Com este poema, a jovem Lúcia Tite emocionou a plateia de sua escola, do auditório do CCFM e, dois anos depois, a do *Slam Viral Edição Lusófona* que foi organizado pelo Brasil no formato *online*. O mesmo poema faz parte da antologia do *Slam Viral*, publicada em versão digital, em 2021.

## 5. LÚCIA TITE, LORNA ZITA E NEIDE SIGAÚQUE LEVAM MOÇAMBIQUE PARA AS SALAS VIRTUAIS DE *SLAMS* DO BRASIL

Em estudos sobre a cultura *hip hop*, a pesquisadora Halifu Osumare cunhou o conceito de “marginalidades conectadas” a fim de entender a identificação de jovens de periferias distintas com esta cultura (OSUMARE, 2007). Embora seja próxima desta cultura, o *poetry slam* não é um dos elementos do *hip hop* (rap, break, DJ, grafite e conhecimento). O *slam* é um jogo poético que tem força, sobretudo, no espaço urbano, e, assim, faz parte da cultura urbana de uma forma mais ampla. A forma de conceber os eventos de *slam* e a própria poesia-*slam* varia de lugar para lugar. Entre Moçambique e Brasil, por exemplo, podemos destacar que no primeiro os eventos são realizados, majoritariamente, em locais fechados e com cobrança de ingresso, enquanto no Brasil, esses eventos acontecem sobretudo na rua e nas praças, sem cobrança de ingressos. Alguns campeonatos brasileiros tais como o *ZAP*, primeiro *slam* brasileiro e o *Slam SP* (estadual de São Paulo) e o *Slam BR* (nacional do Brasil), mesmo que majoritariamente sejam realizados em ou auditórios fechados não tem cobrança de ingresso – característica, aliás, que diferencia o *slam* brasileiro de muitos outros países.

A pandemia, contudo, deu um palco comum às competições: as salas virtuais. Na tela, mesmo com todos os problemas de acesso à internet, jovens artistas dos mais diversos lugares do mundo puderam se encontrar, se conectarem e exporem seus poemas. Em 2020, com as restrições de circulação impostas pela pandemia de coronavírus, todas as áreas tiveram de criar alternativas para não parar e reinventaram formas de seguir em frente. As competições de *poetry slam* migraram para as salas virtuais. O francês Patrick Binard foi um dos primeiros a realizar a competição de modo remoto.

E não foi qualquer competição, Binard organizou a *Coupe du Monde de Slam Poésie* de 2020 *online*. No local de transmissão ao vivo num bar, estava o *slammaster* e o júri, enquanto os poetas se apresentavam via chamada simultânea. O Brasil aderiu o formato aos poucos, pois havia uma resistência ao *slam online*.

O primeiro *slam online* no Brasil do qual tive conhecimento foi o *Slam Viral* cuja primeira edição aconteceu em abril de 2020, mês no qual muitos *slams* estavam suspensos. Com o objetivo de viralizar poesia marginal, o *Slam Viral* começou com edições nacionais, reunindo na mesma tela poetas de cidades e estados diferentes, mas logo reuniram poetas do espaço lusófono. Poucos dias antes da edição, uma pessoa da organização entrou em contato comigo pelo *whatsapp* me convidando para fazer parte do júri da edição especial que reuniria poetas de diversos países de língua portuguesa e disse que a *slammaster* angolana Elisângela Rita tinha me indicado para fazer parte do corpo do júri. No *slam* presencial, vale lembrar, os jurados são, na maioria das vezes, escolhidos entre o público; no formato *online* é preciso garantir o corpo do júri com antecedência.

Em 2 de agosto de 2020, participei, pela primeira vez, de um corpo de jurados. Uma estreia dupla: corpo de júri e evento *online*. Desde abril, o *Slam Viral* vinha sendo organizado nas redes sociais. A 3ª edição do *Slam Viral* foi internacional, organizada no Brasil, mas reunindo *slammers* de vários países de língua portuguesa. Foram anunciados 14 poetas originários da Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, Brasil, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde e Angola. Muitos fusos horários, mas também uma ótima oportunidade de conhecer poetas de outros países. E foi a partir deste *slam* virtual que contatei com poetas de Portugal, Cabo Verde e Guiné-Bissau que entrevistaria presencialmente a partir do segundo semestre de 2021, quando as campanhas de vacinação ganharam força e as restrições da pandemia foram flexibilizadas, permitindo a volta dos eventos presenciais e deslocamentos internacionais.

Durante o *Slam Viral Lusófono*, alguns dos poetas nem mesmo chegaram a se apresentar devido a problemas de conexão à rede. Em alguns momentos, a *slammaster* brasileira Jéssica Preta, diretamente da Paraíba, também teve problemas de conexão de internet, mas a equipe de produção era grande e alternativas foram sendo elaboradas à medida que os problemas surgiam. Naquela ocasião, a casa em que eu estava morando, na Alemanha, tinha uma conexão de internet muito ruim e mesmo meus dados móveis não foram suficientes para eu participar do evento em tempo real. Tive que me deslocar várias vezes para o pátio do prédio e mesmo para a rua para melhorar meu sinal de internet. A diferença de fuso horário também se mostrou um desafio, enquanto a competição começava às 17h do Brasil, eram 21h na Alemanha (e a competição

durou quase 5 horas). Numa das quedas da minha conexão, perdi a apresentação do *slammer* Jornaleta, pseudônimo do moçambicano Ivandro Sigaval, que foi convidado pela *slammaster* Jéssica Preta a se apresentar mais uma vez para que eu pudesse dar minha nota. Em outro momento, impossibilitada de acessar a sala de jurados, enviei minha nota num comentário na página do *Facebook* onde o evento estava sendo transmitido. Nada disso, contudo, diminuiu o prazer de vivenciar o evento, suas dinâmicas naquele momento histórico em que estávamos inseridos. Se com a pandemia do novo coronavírus escrevemos uma nova página da história mundial, é preciso reconhecer que, com os *slams online*, escrevemos um novo capítulo da história das competições de poesia falada também.

Ao final da competição, as *slammers* Lúcia Tite (Moçambique), Nzola Kuzedíua (Angola) e Sankofa (Angola) ocuparam, respectivamente, os primeiros lugares da competição (Matriarka, Brasil, tinha sido anunciada como 3º lugar, mas depois de recontagem, em nota do evento, ficou no 4º). O *Slam Viral Internacional* aconteceu em tempo real e contou com a participação especial de Roberta Estrela D’Alva e Bia Ferreira. A programação era extensa, mas também devido imprevistos das quedas de internet que prejudicaram a participação de diversos *slammers* e mesmo membros do júri, a competição teve duração de 4:46:52. (vídeo disponível em: <https://www.facebook.com/slam.viral/>).

No Brasil, mais precisamente na zona leste de São Paulo, o *Slam da Guilhermina* fez sua primeira edição *online* em maio de 2020. O *Slam da Guilhermina*, que até o momento da pandemia ocorria numa praça da zona leste da capital paulista e cujo formato de rua e sem cobrança de ingressos se popularizou por todo Brasil a partir de 2012, é bom exemplo da migração para as telas e da desterritorialização dos poetas. Das oito competições *online* realizadas entre maio e outubro, destacamos a vitória da angolana Nzola Kuzeduia na edição de agosto, o que lhe rendeu a publicação de três de seus poemas na antologia do *Slam da Guilhermina* daquele ano chamada “*Slam da Guilhermina: oito ponto zero*” (2021).

Mas foi nas edições *online* de 2021 que viria uma importante virada para poetas africanos dos PALOP através de telas de todo o Brasil, mas aqui destacarei as do *Slam da Guilhermina* (SP) e do *Slam Pé Vermelho* (PR). Através das edições *online* destes dois *slams*, foram apuradas, respectivamente, como representantes dos estados de São Paulo e do Paraná, a angolana Joice Zau e a moçambicana Lorna Zita, esta última se apresentou nos *slams* brasileiros com o pseudônimo Blackmelanin. Como representantes estaduais, ambas conquistaram uma vaga para a edição *online* do *Slam BR*, o campeonato brasileiro de poesia falada, do qual saiu campeã e representante do Brasil, a angolana Joice Zau.

Feita essas considerações, voltamos a antologia *Slam da Guilhermina: nove pontos zero* (2023). Publicada em 2023, a antologia reúne três poemas de cada poeta que ganhou as edições mensais do *Slam da Guilhermina* de 2021. Embora a angolana Joice Zau tenha se destacado na cena brasileira dos *slams online*, ganhando nosso mais importante campeonato, o *Slam BR*, no *Slam da Guilhermina* de 2021, também se destacaram três poetas moçambicanos: César Victorino – vencedor da edição *online* de janeiro; Neide Sigauque – vencedora da edição *online* de junho; e Lorna Zita – vencedora da *online* de agosto daquele ano. Dos três moçambicanos que se destacaram nas edições *online* do *Slam da Guilhermina* 2021, todos já participaram de alguma edição do *Moz Slam*, em Maputo. E dois deles, César Victorino e Lorna Zita, tive a oportunidade de entrevistar durante estadia em Moçambique, no ano de 2018.

As edições *online* do *Slam da Guilhermina* aconteceram entre janeiro e setembro de 2021. Outubro, semanas depois da vitória da angolana Joice Zau no *Slam BR* 2021 edição *online*, os *slams* brasileiros iniciaram um movimento de retorno aos eventos presenciais. O *Slam da Guilhermina* foi um destes *slams*, retomando o evento presencial em outubro de 2021. Com o presencial, o *slam* voltou a se territorializar com participantes locais tanto entre os poetas, o júri quanto a plateia.

No período das edições *online* que começaram entre abril de 2020 e foram até setembro de 2021, tive a oportunidade de ser convidada para o júri do *Slam Viral Edição Lusófona* em 2020, *Slam SP* e *Slam BR*, ambos em 2021. Com a frequência do *online*, os organizadores dos *slams* criaram alternativas para falhas de conexão durante o evento e isso fez com que eventos que inicialmente duravam cerca de 5h passassem a ter 3h. Uma delas diz respeito ao júri e minha experiência como jurada me permitiu constatar isto de perto. Estabelecido o júri, o *slam* organizador criava um grupo no *whatsapp*, agradecendo a colaboração de todos e explicando as regras do *slam* e o que se esperava do júri. Anunciavam que haveria um jurado curinga que seria acionado para dar a nota caso de algum de nós “caísse”, ou seja, perdesse a conexão de internet durante o evento.

O sistema de jurados do *Slam da Guilhermina* neste período *online* foi diferente, pois não era por convite. Dias antes do *slam*, eles faziam uma chamada pública para que pessoas do público interessadas em ser do júri entrassem em contato com os organizadores. Assim, fui jurada do *Slam da Guilhermina* das edições *online* de maio e agosto de 2021.

A presença de poetas africanos nas competições *online* do *Slam da Guilhermina* pode ser observada, desde maio de 2020, com Ivandro Sigaval, poeta moçambicano que chegou ao 3º lugar da edição mensal. (ALCALDE, 2021, p. 80). A partir daí, a presença africana será mensal e constante nos *slams online* da Guilhermina até o final de 2021,

o que verificamos nas antologias organizadas e publicadas pelo *slammaster* brasileiro, Emerson Alcalde em 2021 e 2023.

No *Slam da Guilhermina*, ainda em 2020, temos a participação da moçambicana Lorna Zita que ficou em 6º lugar na edição de junho (ALCALDE, 2021, p. 92); dos moçambicanos César Victorino, em 5º, e Rico JR, em 10º e última posição, na edição de julho (ALCALDE, 2021, p. 104). Já a edição de agosto teve a angolana Nzola Kuzediua em 1º lugar, mas também vemos a presença moçambicana com Gonçalves Gonçalo que ficou em 3º lugar da mesma edição que Nzola (ALCALDE, 2021, p. 118). A edição extra de setembro não teve a participação de nenhum moçambicano, mas Ednilson Monteiro e Sankofa, ambos de Angola, marcaram presença embora não tenham boa classificação, respectivamente, 4º e 7º lugares (ALCALDE, 2021, p. 130). Já na edição especial, também de setembro, o angolano Fernando Carlos ficou em 3º lugar e a poeta moçambicana de quem só temos na antologia o registro do pseudônimo “A poetisa de ninguém”, em 5º lugar. (ALCALDE, 2021, p. 140). Em outubro, realizaram a final do ano *online* com a participação de Nzola Kuzediua, única africana a chegar na final do *Slam da Guilhermina* de 2020. Destes, apenas a angolana Nzola Kuzediua teve poemas publicados na antologia do *Slam da Guilhermina* referente aquele ano. Os demais poetas são apenas mencionados no quadro de participações de cada edição, visto que a antologia é uma forma de premiar os primeiros colocados das edições de cada ano. Ainda assim, a antologia do *Slam da Guilhermina* é uma fonte importante para mapearmos a presença de poetas africanos nos *slams online*.

Em 2021, as edições *online* do *Slam da Guilhermina* ocorreram de janeiro a setembro, pois em outubro, o *slam* retomou o presencial na praça da estação de metro Guilhermina-Esperança e em dezembro realizou a final em formato híbrido com a presença dos poetas africanos em vídeo e a de brasileiros no Teatro Flávio Império em São Paulo. Embora a angolana Joice Zau tenha se destacado no *slam online* brasileiro daquele ano, na Guilhermina, três moçambicanos entraram para a antologia daquele ano: César Victorino, que tinha participado em julho de 2020, ganhou a edição de janeiro de 2021; Neide Sigauque ganhou a edição de junho de 2021; e Lorna Zita, a Blackmelamin, ganhou a edição *online* de agosto de 2021, depois de ter participado em junho de 2020. (ALCALDE, 2023, p. 8; 144; 156).

Com o *online* mostrando que veio para ficar, a presença africana no *Slam da Guilhermina* e muitos outros *slams* brasileiros realizados *online*, cresceu significativamente. Mas é preciso lembrar que, ainda em 2020, a organização do *Slam da Guilhermina*, visando estimular a participação dos poetas africanos, fez uma reserva de vagas para cada edição uma vez que os poetas se inscreviam em plataforma *online* e

com antecedência e os participantes eram sorteados dias antes do *slam online* ser realizado. A partir daí, tal medida garantiu a presença africana em todas as edições *onlines*. Assim, além de César Victorino, Neide Sigaúque e Lorna Zita, também participaram das edições de 2021 os seguintes poetas africanos: JANEIRO, Eddy Cacimba (Moçambique); FEVEREIRO, Poeta de papel (Angola) e Explosive man (Moçambique), MARÇO, o poeta Bathist e a poeta Eurosinda Mussui (Moçambique); MARÇO-EXTRA, Isis Ramalho (Angola); ABRIL, Joice Zau (Angola) e Saúl o poeta revoltado (Moçambique); MAIO, Saúl o poeta revoltado e poeta Alquimista (Moçambique) e Irene A´mosi (Angola); JUNHO, Francisco Mutsenga (Moçambique); JULHO, Leydtila e Irmãos Poéticos (Moçambique); AGOSTO, Antonio Quimesse (Moçambique); SETEMBRO, Túlio Muchanga e Lindinalva Thandy (Moçambique). As classificações de todos poetas citados estão nas subseqüentes páginas listadas na referência a seguir. (ALCALDE, 2023, p. 10; 22; 42; 60; 76; 92; 114; 128; 156; 170). Na final do ano de 2021, realizada presencialmente no Teatro Flávio Império, em São Paulo, os moçambicanos participaram com vídeos e tiveram a seguinte classificação: Lorna Zita em 7º, Neide Sigaúque em 8º e César Victorino em 10º.

Lembrando que a participação dos poetas na Guilhermina era por sorteio, seria preciso verificar com os organizadores quantos homens e mulheres africanos se inscreveram nas edições *online* para saber a distribuição por gênero. Do que é possível recuperar, usando as antologias como fonte de pesquisa, da presença moçambicana nos *slam online* da Guilhermina, contabilizamos cinco poetas em 2020 e dezesseis em 2021, sendo mulheres apenas duas, Lorna Zita e “A poetisa de ninguém”, em 2020, e apenas seis em 2021, Eurosinda Mussui, a/o poeta Alquimista, Leydtila, Lindinalva Thandy, Neide Sigaúque e Lorna Zita. Mas apenas César Victorino, Neide Sigaúque e Lorna Zita entraram na antologia *Slam da Guilhermina*: nove ponto zero, publicada apenas em 2023, de forma independente, e organizada por Émerson Alcalde.

Neide Sigaúque foi campeã da 4ª eliminatória do *Moz Slam* de 2021, chegando a final moçambicana daquele ano. Nos *slams* *onlines* do Brasil, também ficou em 1º lugar no *Slam Griot* de 2021 e em 3º no *Slam Minas Suburbanas*. Já em 2023, Sigaúque consagrou-se campeã do *Moz Slam*, sendo a segunda mulher a vencer o nacional moçambicano. Estudante de filosofia pela Universidade Eduardo Mondlane, Sigaúque publicou os seguintes poemas na antologia do *Slam da Guilhermina*: “Disprepâncias”, “Minh´Africa” e “No mundo” em que eu vivo. (ALCALDE, 2023, p.114-124). No primeiro poema, notamos a influência da licenciatura em filosofia na poeta, abordando questões mais existenciais e citando Voltaire. Já “Minh´Africa” é um poema de crítica às desigualdades sociais e econômicas que persistem em Moçambique em pleno século XXI, mais de 40 anos após a luta de libertação e a independência do país. O poema de Lorna Zita, “Quanto custa a liberdade?”,

publicado na mesma antologia, também denuncia a crise econômica de Moçambique na pós-independência. Com estes poemas, Sigaúque e Zita trazem para o *slam* brasileira seu país real pouco conhecido e acessado deste lado do atlântico:

No mundo em que eu vivo  
Mundo de violência  
Mundo de turbulência  
Em que as raparigas ainda  
menores já são tiradas à pureza.  
(SIGAÚQUE apud ALCALDE, 2023, p. 114-124).

No poema destacado acima, “No mundo em que eu vivo”, Sigaúque nos apresenta versos que denunciam a violência contra “raparigas ainda menores”, tirando a “pureza”, ou seja, a inocência das mais jovens. Este tema também apareceu nos versos de Lúcia Tite, já mencionado aqui. Em “Abuso sexual às menores”, Tite afirma “vieste tu tirar-me o brilho de ser criança”. O poema de Sigaúque, contudo, terá ainda mais três desdobramentos. A partir da segunda estrofe, a poeta vai falar de uma mulher jovem e adulta que é culpabilizada por terceiros por estar “malvestida ou de roupa apertada” ou ainda por andar de madrugada. Outra virada no poema se dá quando Sigaúque fala das mulheres casadas que sofrem violência doméstica e não tem apoio dos “papás”, da família de origem, quando decidem se separar. Denuncia a poeta: “Para o seu azar, a família é a primeira a rejeitá-la alegando que lar é composto por aflições”. A última virada do poema acontece quando Sigaúque fala do Coronavírus, que isola ainda mais a mulher, tirando a possibilidade de “abraçar um amigo”. Dai em diante, o poema traz a morte de um amigo da eu-lírica, vítima da pandemia e expõe o sofrimento de ver a mãe enferma: “quando vi minha mãe rebolando no colchão por problemas de respiração”.

Já Lorna Zita, embora também denuncie a violência contra a mulher com o poema “Saco de pancada” apresenta a dinâmica de um relacionamento abusivo no qual a mulher perdoa várias vezes seu parceiro e vê o ciclo da violência recomeçar após as reconciliações. Nos versos “Eu conheço a gravidade, a intensidade dos seus gritos” e “Conheço a força dos teus pés. É com eles que me pisas, me chutas, me driblas”, Zita denuncia a violência psicológica e física sofridas pela eu-lírica que por fim se rebela no poema performado em *slams*: “Meu corpo não é seu campo de batalha”.

Zita, que se destacou com o 3º lugar do *Moz Slam 2018*, publicou os seguintes poemas na antologia do *Slam da Guilhermina*: Quanto custa a liberdade, Minha poesia não é para elite e Saco de pancada (ALCALDE, 2023, p.156-166).

Um dos poemas de destaque da poeta moçambicana Lorna Zita nas competições brasileiras é “Minha poesia não é para a elite”:

Os meus versos não têm cor  
Não usam força mas são estrondos para os ouvidos do opressor  
Meus versos vem de dentro onde escarcalha a fome, a impunidade,  
São retrato de tantas injustiças que me nego aceitar  
São minhas rimas de combate.  
(ZITA apud ALCALDE, 2023, p.156-166).

O poema acima também faz parte do primeiro livro de poesias de Lorna Zita: *Raízes e Gritos* lançado em novembro de 2023 em Moçambique. *Raízes e Gritos* (2023) está dividido em três partes. São elas: “Resistência ancestral”, 1ª parte; “Há que deixar ir”, 2ª parte; e “A minha voz”, 3ª parte. O poema “Minha poesia não é para a elite” faz parte da terceira parte do livro que li a convite de Zita. Como já foi dito aqui, conheci Lorna Zita, em 2018, quando realizava pesquisa de campo em Maputo com os jovens poetas que tinham participado da 1ª edição do *Moz Slam*. Lorna Zita tinha conquistado o 3º lugar dessa competição de *poetry slam*. De lá para cá, venho acompanhando o trabalho de Zita como poeta, produtora cultural, jornalista no *C& mentoring program da Contemporary And Projects* (Alemanha) e, mais recentemente, como realizadora e *slammaster* do *Slam Muthiana* (ou Mwarusi) que significa mulher na língua macua, e é a primeira a competição de *slam* só de mulheres em Moçambique. (PEREGRINO, 2023).

Em *Raízes e Gritos* (2023), o lugar da voz é anunciado na primeira epígrafe que traz versos de Noémia de Souza, “nossa voz farol em mar de tempestade”, e é a partir dela, de seu eco e ressonância que a poeta vai revelando a intimidade do seu mundo aos leitores, seus passos na busca e afirmação de raízes ancestrais. Esse lugar de pertencimento que marca sobretudo a primeira parte do livro, “Raízes” é o “voltaremos” de Paulina Chiziane também anunciado como epígrafe: “Regressaremos triunfalmente ao som das trovoadas”. As palavras “tempestade” e “trovoadas”, que podemos retirar de cada epígrafe, anunciam a força da voz que a autora deseja trazer em seus próprios poemas.

Assim, a voz desafia o silêncio, o rompe no cotidiano dos bairros populares da cidade – “O gueto desconhece o silêncio / Nem tudo aqui é tristeza / O gueto é vida” (O retrato do gueto, 1ª parte) – desperta as memórias da infância – “Ainda escuto as vozes que se reuniam a volta da fogueira” (Resistência ancestral, 1ª parte) e traz a afirmação da africanidade – “Muitos chamam /África! /Eu simplesmente /Chamo casa /O chão sagrado”– (Casa, 1ª parte). A voz também surge no não dito ainda que sufocada pelo trauma e pela ansiedade – “A alma clama por socorro” (Depressão, 2ª parte) – ou no “silêncio devastador” de um coração partido – “Deixar ir o que sufoca a alma /Fechar os ciclos / Desamarrar os laços / Deixar partir” (Há que deixar ir, 2ª parte). E, sobretudo, a voz está no grito que, não por acaso, é a palavra que dá título à 3ª parte desse primeiro livro de poesias de Zita.

Segundo a poeta, seus versos “Não usam força mas são estrondos para os ouvidos do opressor” (Minha poesia não é para a elite, 3ª parte) e sua voz traz a pluralidade das classes populares “Minha voz é do operário e do camponês” ao mesmo tempo que se corporiza, toma forma de pessoa e “pisa em escombros onde o ar não chega” (A Minha voz, 3ª parte). Dessa maneira, ao longo de cada uma das três partes do livro *Raízes e Gritos*, nós, leitores, podemos identificar o fio condutor da voz costurando os poemas, incorporando-se, tornando-se ela própria sujeito-protagonista. A voz tem intenção de costurar também o tempo – passado/presente – da literatura moçambicana ao tomar como inspiração as já consagradas Noémia de Sousa e Paulina Chiziane (PEREGRINO, 2023).

## 6. CONSIDERAÇÕES ABERTAS

As poetisas Lúcia Tite (“Abuso sexual às menores”), Lorna Zita (“Saco de pancadas”) e Neide Sigaúque (“No mundo em que eu vivo”) denunciam, em seus versos, a violência contra a mulher. Ao relatarem uma realidade que fez e ainda faz parte do cotidiano de muitas de nós, as jovens moçambicanas se aproximam de seus ouvintes-leitores e da realidade das desigualdades de gênero também do Brasil, nascendo aí uma identificação com o público brasileiro, sobretudo o feminino e feminista. Reconhecemos nestes poemas, que saíram do índico e atravessaram o atlântico, vozes em luta, vozes em combate, vozes que reivindicam o fim das violências contra as mulheres.

As competições de *poetry slam* estabeleceram um circuito internacional de poesia falada no mundo, em geral, e nos PALOP, em particular, que precisam da atenção dos estudos literários e culturais tanto para discutir a composição do circuito em si quanto as narrativas que marcam esta nova poesia falada. Além disso, os eventos *online* trouxeram novas dinâmicas para os campeonatos de poesia falada, aproximando-nos de poetas angolanos e moçambicanos, e ampliando nossas noções de fronteiras e tensionando as discussões sobre território e representação ao mesmo tempo que permitiu ao público brasileiro um novo ponto de contato com a poesia contemporânea de Angola e Moçambique.

## REFERÊNCIAS

ALCALDE, Emerson (Org). *Slam da Guilhermina: oito ponto zero*. São Paulo, 2021.

ALCALDE, Emerson (Org). *Slam da Guilhermina: nove ponto zero*. São Paulo, 2023.

CAPELA, Féling. *Entrevista à DW*, 2013. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/poetry-slam-a-poesia-de-todos-para-todos/audio-16741185> . Acesso: 02.05.2023.

- D'ALVA, Roberta Estrela. Um microfone na mão e uma ideia na cabeça – o poetry slam entra em cena. *Synergies Brésil*, n. 9, p. 119-126, 2011.
- OSUMARE, Halifu. *The Africanist Aesthetic in Global Hip-Hop: Power Moves*. Nova York: Palgrave Macmillan, 2007.
- PEREGRINO, Miriane. A literatura exposta em grito: a poetry slam. *Eutomia Revista de Literatura e Linguística do Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco*, Ano XI, V. 1, n. 25, dezembro 2019, Pernambuco: UFPE, p. 229-248.
- PEREGRINO, Miriane. Poetry Slam em tempos de coronavírus. *Relatório de pesquisa*. Portugiesisch-Brasilianisches Institut, Universität zu Köln, Alemanha, 2021.
- PEREGRINO, Miriane. Qual o papel da oralidade Africanana poética dos slammers? *Cadernos Textos e Debates NUER/UFSC*, v. 22, 2021, p. 10-37.
- PEREGRINO, Miriane. XITHOKOZELO, uma tradição oral africana. Entrevista com Alvim Cossa. *Revista Diálogos da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Nacional Timor Lorosa'e*. N. 6, 2021. p. 305-315.
- PEREGRINO, Miriane. Poesia sem fronteiras: Joice Zau, poeta angolana, é a campeã do Slam BR 2021. *Por Dentro da África*. 5 de outubro de 2021.
- PEREGRINO, Miriane. Luanda e Maputo oralidades em trânsito. Universidade Eduardo Mondlane. *Webseminar*, 2021.
- PEREGRINO, Miriane. Prefácio. In ZITA, Lorna. *Raízes e gritos*. Maputo: Editora Kulera, 2023.
- PINHEIRO, M.G.; MARQUES, A.C.S.; PEREGRINO, Miriane. A poesia imigrante campeã do Festival Portugal Slam entre 2019 e 2022. *Revista Terceira Margem*, v. 27, n. 51, jan./abr. 2023, p. 181-204.
- ZITA, Lorna. *Raízes e gritos*. Maputo: Editora Kulera, 2023.

## ENTREVISTAS EM MAPUTO, MOÇAMBIQUE (2018-2024)

- Antonio Magaia, CCBM, novembro de 2018.
- César Victorino, CCBM, novembro de 2018; IGR, fevereiro de 2024.
- Daniela Mussagy, Parque dos Poetas, Matola, novembro de 2018.
- Ema de Jesus, CCBM, novembro de 2018; IGR, fevereiro de 2024.
- Enia Lipanga, CCBM, novembro de 2018; FFLC, fevereiro de 2024.
- Eurosinanda Mussui, CCBM, novembro de 2018.
- Féling Capela, CCAM, novembro de 2018; Núcleo de Arte, fevereiro de 2024.
- Gonçalves Gonçalo, CCBM, novembro de 2018; IGR, fevereiro de 2024.

Hamilton Chambela, CCBM, novembro de 2018; Residencia/Matola, fevereiro de 2024.

João Nguenhe, CCBM, novembro de 2018; IGR, fevereiro de 2024.

Lorna Telma Zita, CCBM, novembro de 2018; IGR, fevereiro de 2024.

Lúcia João Tite, CCBM, novembro de 2018.

Matilde Chabana, FFLC, fevereiro de 2024.

Neide Sigáúque, IGR, fevereiro de 2024.